

A pesquisa sigilosa do presidente

O presidente Fernando Henrique Cardoso às vezes circula por dentro do Palácio da Alvorada com dois volumes bem grossos de uma pesquisa feita pela MCI, a empresa do cientista político Antônio Lavareda Filho. Sabe que em qualquer pesquisa há bobagens, como perguntar a um cidadão se ele está satisfeito com o salário que recebe. Até o presidente da empresa, ou o da República, quer ganhar mais. Ou perguntar, em termos genéricos, ao homem comum o que menos gosta no governo. A metade diz simplesmente que não sabe responder. E, quando a indagação é sobre a área que mais aprova, vem um disparate: 50% dizem que é a Cultura, certamente porque o presidente é um intelectual, pois nessa área ele mesmo reconhece que ainda não teve tempo de fazer nada.

Mas, com todos os defeitos que possam ter, as pesquisas há algum tempo são a bússola de Fernando

Henrique. Durante a campanha eleitoral, no ano passado, quase todos os institutos de pesquisa trabalharam para ele, sob a coordenação de Lavareda. Depois que assumiu a Presidência, esta é segunda grande pesquisa que recebeu de Lavareda. Foi feita no final de maio, no meio do fogo cruzado da greve dos petroleiros. A anterior é de fevereiro.

Numa linha bem escondida de uma tabela da pesquisa, quase no fim de um dos dois grossos volumes que o presidente carrega debaixo do braço e só mostra a pouquíssimas pessoas, pode estar a razão para a sua postura carrancuda diante da greve dos petroleiros.

Quando se pergunta ao cidadão comum se considera a greve um meio necessário para aumentar os salários, 30% dizem que sim. Mas se é dada também ao entrevistado a opção de responder que a greve deve ser entendida, neste momento, como um instrumento para prejudicar o real, 62% também dizem que sim.

Em outra pergunta, há uma justificativa para a renúncia a um direito sagrado como a greve: 58% da população acham que a primeira prioridade do governo deve ser o controle da inflação; 34% dizem que a primeira coisa que o governo deve fazer é aumentar os salários.

Alguns frutos o governo deve estar colhendo também, neste caso, do fato de o preço da cesta básica ter caído entre 4% e 5% em um ano, e o salário mínimo

ter aumentado 40%, feitos que o governo vai destacar no primeiro aniversário do Plano Real, em 1º de julho. "Foi a maior e mais duradoura distribuição de renda da história do Brasil", dirá o presidente Fernando Henrique nas comemorações.

O real, como se vê, continua sendo a varinha de condão do governo. Precisamente 76% da população lhe dão a mais absoluta aprovação. A dúvida em relação ao real não é quanto ao plano em si, mas sobre o que o governo será capaz de fazer com ele: 36% dizem que o plano vai ser um sucesso, 12% acham que será um fracasso e 45% têm uma pontinha de desconfiança — dizem que ainda é cedo para avaliar.

De qualquer forma, o estado de espírito do brasileiro continua elevado, segundo a pesquisa que o presidente tem nas mãos: 60% se confessam satisfeitos no momento; 4% até dizem que estão muito satisfeitos. A soma dos insatisfeitos com a dose que estão muito insatisfeitos dá 35%. Como 40% acham que a situação vai melhorar, 29% dizem que vai piorar e 24% desconfiam que tudo ficará como está, ainda há em todo esse conjunto um saldo de otimismo em relação ao governo.

O governo sofreu desgastes, e disso, naturalmente, o presidente não gosta de falar nem quando se esconde numa das enormes salas do Palácio da Alvorada para digerir a pesquisa com algum assessor ou amigo.

É muito melhor para ele ver o retrato do momento, isoladamente, evitando comparações com fotografias anteriores.

Vendo a pesquisa assim, esta é a situação do presidente e do governo diante da opinião pública: 56% aprovam e 32% desaprovam o modo como o presidente conduz o país; 56% confiam nele e 37% não confiam; o governo vem sendo bom e ótimo para 39%, regular para 43% e ruim e péssimo para 14%; 54% confiam em que este governo acabará com a inflação e 40% não acreditam nisso; 54% acham que o governo aumentará o emprego, 31% duvidam.

Enfim, para a maioria da população este é um governo que vai melhorar os salários (60% a 34%), as aposentadorias (58% a 37%) e os serviços públicos (69% a 26%), vai cortar os gastos (49% a 43%), moralizar a administração (55% a 37%) e defender os direitos humanos (67% a 26%).

Mas, se é um governo com um presidente e um plano que chegam às massas, não tem um só ministro que se aproxime delas. E aqui, com números precisos, quero fazer uma correção de indicações dadas uma semana atrás nesta coluna. O mais votado na pesquisa é o ministro da Saúde, Adib Jatene, com 4%. Vem em seguida, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, com 3%. Disputam o terceiro os ministros Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, e José Serra, ambos com 2%.